

DE WILLIAMS À MCLUHAN: ENTRE O DIGITAL, AS NOVAS TECNOLOGIAS E OS ESTUDOS CULTURAIS

Sandro Bortolazzo

sandrobortolazzo@hotmail.com

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4207792Y6>

RESUMO

Inscrito no referencial dos Estudos Culturais, este artigo problematiza alguns conceitos centrais nas pesquisas que envolvem comunicação e tecnologias: novas e velhas mídias, mídia digital, novas tecnologias de comunicação e informação. O estudo representa uma tentativa de analisar as implicações culturais das novas tecnologias nas sociedades contemporâneas. A investigação contemplou dois movimentos: apresentação de um panorama sobre o uso e apropriação dos conceitos de mídia, tecnologia e suas adjacências; discussão de algumas questões alusivas ao ingresso das novas tecnologias na vida em sociedade, debate circunscrito a Raymond Williams e Marshall McLuhan. Os achados do estudo apontam que as tecnologias digitais já não podem ser analisadas apenas como ferramentas, mas como participantes ativas em nossa cultura. Essa necessidade de problematizar é mais urgente do que nunca, especialmente porque as próprias tecnologias estão se tornando parte integrada do tecido social.

Palavras-chave: Estudos Culturais – Novas Tecnologias – Mídia - Digital

INTRODUÇÃO

O campo dos Estudos Culturais, desde o seu surgimento e a partir dos escritos de Raymond Williams (1975), já discutiam algumas questões alusivas ao ingresso das tecnologias na vida em sociedade. Institucionalizado na Universidade de Birmingham, os estudos surgem, sobretudo, diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária inglesa que se apresentava no período pós-guerra. Os Estudos Culturais procuram vislumbrar o campo da cultura não como um espaço pronto, definido, com sistemas de ideias dominantes e inflexíveis, mas fundamentalmente, como um espaço de lutas e desencaixes.

O horizonte teórico de movimentação deste artigo se inspira na vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais. De certo modo, o pós-estruturalismo rejeita a ideia de estruturas estáveis que conferem significados a partir de binarismos e instaura teorias

desconstrutivistas em que os textos, as imagens, a música, o cinema, vêm sendo “libertados” a uma pluralidade de sentidos. Segundo a perspectiva pós-estruturalista, os significados são instáveis, negociáveis, estão sempre em processo, e a realidade seria considerada uma construção social, histórica e subjetiva. Dessa forma, no campo dos Estudos Culturais da vertente pós-estruturalista, parte-se da ideia de que o uso e a apropriação das tecnologias são produções culturais de determinada sociedade, pontuadas pelo caráter histórico e contingente.

O objetivo deste estudo consiste em problematizar alguns conceitos e noções centrais nas pesquisas em comunicação e tecnologias: novas e velhas mídias, novas tecnologias de comunicação e informação e mídia digital. O estudo representa também uma tentativa de explorar as ferramentas digitais, analisando as implicações das novas tecnologias nas sociedades contemporâneas, enfoque onde reside a temática do determinismo tecnológico. Contemplam-se, assim, dois movimentos de investigação. No primeiro movimento, desenvolve-se a apresentação de um panorama sobre o uso e apropriação dos conceitos de mídia, tecnologia e suas adjacências. Já no segundo movimento de investigação, busca-se a discussão de algumas questões alusivas ao ingresso das tecnologias na vida em sociedade, debate que se encontra focado nos teóricos Raymond Williams e Marshall McLuhan.

Entre Mídias e Tecnologias

Emprega-se o termo tecnologia aqui para aludir tanto ao conhecimento técnico e científico quanto às ferramentas e os processos para adquirir tal conhecimento. Entende-se por tecnologia cada aparato que requer tempo de aprendizagem, maturação, adaptação e acomodação por parte dos sujeitos. Como exemplo podemos citar a escrita, a imprensa, os automóveis, o rádio, o telefone, o computador, e assim por diante. Todas essas tecnologias mudaram em algum grau o modo de vida nas sociedades ocidentais e se tornaram ferramentas indispensáveis a uma série de atividades. Mesmo assim, é preciso registrar que não se emprega o conceito de tecnologia no sentido foucaultiano, utilizado para estabelecer uma metodologia de análise do poder, a exemplo da disciplina. Segundo Rose (2001, p.7), pode-se considerar a escola, a prisão e o hospício como

exemplos de tecnologias, aquelas que Foucault denominou de disciplinares, “e que funcionam por meio de uma detalhada estruturação do espaço, do tempo e das relações entre os indivíduos”.

Por sua vez, já a palavra “mídia” tem sido utilizada no mesmo sentido que imprensa, jornalismo, meio de comunicação, veículo. No plural, “mídias”, também vêm sendo citada, simplesmente abandonando, por deliberação ou não, sua origem latina como plural de *médium* (meio). No sentido amplo da palavra, as falas, os gestos, as expressões faciais, as vestimentas e a dança, por exemplo, igualmente podem ser analisadas como mídias, ou seja, como meios de comunicação. Geralmente quando se estuda mídia, há uma analogia direta aos meios de comunicação e às instituições especializadas onde os profissionais da área trabalham: a mídia impressa, a mídia televisiva, a publicidade, o cinema, a fotografia, e assim por diante. A expressão “mídia” também se refere aos produtos culturais e materiais dessas mesmas instituições, ou seja, os distintos gêneros de notícias, os filmes, as novelas, os livros, os discos, etc.

É possível continuar pensando a mídia nas formas descritas anteriormente, no entanto, em vista de um cenário esboçado por mudanças efêmeras e contínuas, as categorias assumidas são constantemente desafiadas. Um exemplo é a transmídia em que as migrações de conteúdos e de propriedade intelectual ocorrem através de vários meios, o que força os produtores a colaborar uns com os outros. Outro exemplo é a hipermídia – conjunto de meios que permite o acesso simultâneo a textos, sons e imagens de uma maneira interativa e no qual os usuários podem controlar a navegação. Diante desses cenários, o que de fato é novidade nas novas mídias? O que é continuidade e o que é mudança?

As expressões “novas mídias”, “novas tecnologias de informação e comunicação” (TICs), “mídia digital”, – entres outros termos que conectam comunicação, mídia, sociedade e tecnologias – têm sido empregados excessivamente nas reportagens midiáticas, nos textos acadêmicos, na publicidade, no vocabulário do cotidiano. Contudo, discutir sobre elas, inevitavelmente, gera ansiedade. A começar pela qualificação “nova”. Para qualquer coisa que se atribua o adjetivo novo, por definição, se espera uma acepção do que se considera como velho. Há um sentido muito forte quando se qualifica algo como “novo”. Isso porque o “novo” carrega historicamente uma marca ideológica que significa, continuamente, algo

melhor. O novo está associado com a vanguarda, com certa visão, na maioria das vezes, positiva, do futuro.

De acordo com Lister et al. (2009), a expressão “novas mídias” emergiu para capturar certa sensação de que, em passo acelerado, a partir dos anos 1980, o universo dos meios de comunicação começou a se mostrar diferente. Esse foi o caso da televisão, da fotografia e da mídia impressa que, gradualmente, estiveram envolvidas em um fluxo constante e contínuo de mudanças culturais, institucionais e, principalmente, tecnológicas. Essas transformações não ficaram confinadas apenas aos meios de comunicação. Alterações mais amplas de âmbitos social e cultural já estavam sendo identificadas a partir de meados da década de 1960. Para Lister et al. (2009), alguns indicativos dessas mudanças competem à passagem da modernidade para a pós-modernidade, aos intensos processos de globalização e à substituição de uma era industrial de manufatura por uma era da informação. As novas mídias, na mesma direção, podem ser pensadas como parte dessas variações. Mas até que ponto é possível identificar algum tipo de mudança significativa que se encontre subjacente aos novos meios de comunicação, quer dizer, algo mais tangível que ultrapasse a discussão sobre as mudanças de contextos? Aí é que reside a expressão “mídia digital”, uma vez que leva em consideração um meio específico, o digital, e suas implicações em função do registro, do armazenamento, do consumo e da distribuição de informações por meio de códigos binários.

Já na perspectiva de Lemos (2003), o que chamamos de novas tecnologias de comunicação e informação surge a partir do ano de 1975, quando dá fusão das telecomunicações analógicas com a informática, o que possibilita a veiculação sob um mesmo suporte, o computador. Segundo Lemos (2003), essa revolução implica a

passagem dos *mass media* como a TV, a imprensa e o cinema, por exemplo, para formas individualizadas de produção e estoque de informação.

Com as tecnologias analógicas, a transmissão, o armazenamento e a recuperação de informação eram completamente inflexíveis. Com o digital, a forma de distribuição e armazenamento são independentes, multimodais, onde a escolha em obter uma informação sob a forma textual, imagética ou sonora é independente do modo pelo qual ela é transmitida. Nesse sentido, as redes eletrônicas constituem uma nova forma de publicação (a eletrônica), onde os computadores podem produzir cópias tão perfeitas quanto o original (LEMOS, 2003, p.70).

Mais interessante nessa discussão é que não há uma mudança “radical” que invariavelmente dividiu o mundo da comunicação entre as velhas e as novas mídias, ou melhor, entre as mídias analógicas e as mídias digitais. Isso porque a distribuição das informações em rede, por exemplo, não existiriam sem a “espinha tecnológica” fornecida pelas então existentes formas de transmissão, dos telefones aos rádios, passando também pelos satélites. Seguindo as orientações de Lister et al. (2009), o termo “novas mídias” pode ser analisado se referindo, então, às novas experiências textuais, aos novos modos de representar o mundo e às novas relações dos sujeitos (usuários e consumidores) com as tecnologias midiáticas. Para Lister (2009), novas mídias podem ser consideradas todos os métodos e as práticas sociais de comunicação, representação e expressão desenvolvidas a partir do digital, da multimídia, dos computadores em rede e das formas com que os computadores alteraram outros meios: dos livros aos filmes, dos telefones aos televisores.

Assim, as novas tecnologias de comunicação e informação poderiam ser pensadas como aquelas que se valem da digitalização com o objetivo de captar, distribuir, transmitir e disseminar informações, sejam elas em formato de músicas, imagens, textos, vídeos, ou mesmo todos eles inter-relacionados. Por sua vez, é com a disseminação das mídias digitais que a teorização e a discussão sobre a natureza e o potencial desses

novos meios de comunicação em transformar a vida em sociedade começam a se desenvolver. E as posições adversas também.

McLuhan versus Williams: implicações culturais das novas tecnologias

Muitas das abordagens críticas simplesmente negam que tenha havido qualquer tipo substancial de mudança, seja nas mídias, seja no contexto cultural em que estão inseridas. Essa perspectiva sobre as novas mídias, com frequência, aponta simplesmente a continuidade dos interesses econômicos, dos imperativos políticos e dos valores culturais que impulsionam, inventam e produzem o “novo”, tanto quanto as “velhas” mídias. As novas mídias, nesse sentido, são reduzidas ao seu papel meramente econômico. Esse tipo de análise crítica representa uma importante voz no debate, no entanto, computadores e tecnologias afins (incluindo os livros, a fotografia, a telefonia, o cinema, a televisão), de modo complexo, direta e indiretamente, têm desempenhado papel significativo nas transformações sociais e culturais. “Embora seja verdade que, por conta de alguns de seus usos e conteúdos, nenhum desses meios possa ser simplesmente celebrado como grandes e benévolas conquistas humanas, tampouco podem ser reduzidos a golpes do capitalismo” (LISTER et al., 2009, p. 3).

Por outro lado é preciso considerar também aquelas vozes que acreditam que tudo foi alterado com as novas mídias, aqueles que enxergam as tecnologias e as mídias digitais como sendo a própria utopia. Ou ainda, há os que simplesmente refutam todos os comentários e insistem que as antigas ferramentas teóricas são simplesmente redundantes em face das grandes e invasivas transformações tecnológicas em curso.

Para corroborar o debate, volta-se a dois teóricos: Marshall McLuhan e Raymond Williams. Nos argumentos de ambos se debruçam e ecoam múltiplos significados sobre o papel das tecnologias na vida em sociedade. As premissas dos autores marcam o tom, muitas vezes, polarizado da discussão contemporânea, tendo de um lado os seguidores de McLuhan que enxergam as novas tecnologias como revolucionárias, e do outro lado os que seguem uma linha mais próxima de Williams, com uma visão mais moderada, considerando as tecnologias como parte de processos sociais e culturais mais amplos. Embora eles tenham deixado seus legados no momento em que os computadores pessoais estavam prestes a se proliferar e ganhar os mercados (tanto

Williams quanto McLuhan desenvolveram seus trabalhos nas décadas de 1960 e 1970), as análises dos dois autores sobre as relações entre tecnologia, cultura e mídia continuam repercutindo entre os teóricos da contemporaneidade.

De acordo com Lister et al. (2009), McLuhan estava interessado em identificar e explorar o que ele percebia como grandes mudanças culturais trazidas pelas tecnologias midiáticas, enquanto Williams estava mais voltado às condições de possibilidade para o surgimento dessas novas mídias. McLuhan tinha preocupações com os efeitos culturais das novas tecnologias, já Williams procurou mostrar que não há nada novo em uma determinada tecnologia que possa garantir certos efeitos culturais ou mesmo sociais. Assim, as premissas de McLuhan avançam na direção de assumir as novas tecnologias como capazes de mudar “tudo”, ao passo que Williams alega que as novas tecnologias só passam a existir a partir de processos e estruturas sociais mais complexas e que, basicamente, elas mantêm as mesmas relações de poder já existentes.

Lister et al.(2009) comentam que nos estudos da mídia e também nos Estudos Culturais o elemento tecnológico tem sido fortemente qualificado: ora celebrado, ora tomando formas resistentes. Parte dessa visão tem origem numa série de ensaios de Williams que se tornaram os principais argumentos contra McLuhan em reação a qualquer tipo de determinismo tecnológico. Na perspectiva de Lister et al. (2009), McLuhan é uma figura controversa que inicialmente foi desacreditado por seus pronunciamentos insustentáveis. A obra de McLuhan tem um apelo significativo para aqueles que creditam às tecnologias grandes e radicais mudanças culturais. Muitas das suas ideias surgiram dentro de uma espécie de “narrativa da redenção”, ou seja, grande parte do apelo que McLuhan faz para com as novas tecnologias está na maneira com que ele enxerga a chegada de uma redentora “cultura eletrônica”. Seguindo os apontamentos de Lister et al.(2009), é possível mapear o pensamento de McLuhan a partir de três ideias-chave:

Em primeiro lugar, "remediação", um conceito que atualmente está muito em voga e encontra suas raízes na visão de McLuhan de que "o conteúdo de qualquer meio é sempre outro meio". Em segundo lugar, a ideia de que a mídia e as tecnologias são extensões do corpo humano e dos seus sentidos. Em terceiro lugar, a sua famosa (ou notória) visão de que "o meio é a mensagem" [grifos do autor] (LISTER et al.,2009, p.80).

Remediação é, sem dúvida, um conceito inquestionável tanto para McLuhan quanto para Williams que compartilhavam a ideia de que as novas mídias fazem uma remediação dos conteúdos presentes nas mídias anteriores. Já a ideia das tecnologias como extensões do corpo e do sistema sensorial humano nos impele a reconhecer que essa perspectiva tem sido muito influente, prefigurando o conceito de *cyborgue* do final do século XX e também o de *cibercultura* (LEVY, 1999). Para Lister et al.(2009), McLuhan nos alerta também para a dimensão tecnológica das mídias. Ele faz isso recusando qualquer distinção entre mídia e tecnologia. McLuhan (1970) dissipa tecnologias e mídias porque as enxerga como extensões dos sentidos: visão, audição, tato e olfato. Um dos exemplos citados por McLuhan é o da roda que, especialmente, quando passou a funcionar com energia automotiva, transformou radicalmente a experiência de viagens e igualmente de velocidade, assim como também mudou a relação do corpo com o ambiente físico, com o tempo e com o espaço. Na verdade, é essa ampliação do conceito de mídia (meio) alcançando todos os tipos de tecnologias que permitiu ao autor propagar uma das suas famosas frases: o meio é a mensagem. Para McLuhan (1970), o “meio é a mensagem” não só pelas características do meio que tendem a determinar o tipo de envolvimento que os sujeitos estabelecem, mas porque, em McLuhan, o “meio” é uma extensão do aparelho sensorial humano.

Na contramão das propostas de McLuhan está a de que as tecnologias não são nada até que sejam dadas a elas determinado significado cultural, ou melhor, importa o que os sujeitos fazem com as tecnologias e não o contrário. Williams, um dos grandes expoentes dos Estudos Culturais britânicos, foi um dos críticos mais ferozes de McLuhan.

McLuhan não estava interessado nas formas com que as tecnologias são apreendidas, mas esta é uma questão importante para Williams. Segundo Williams (1975, p.129) "todas as tecnologias foram desenvolvidas e melhoradas para ajudar com as práticas humanas conhecidas ou com as práticas previstas e desejadas". Assim, em Williams, as tecnologias estão envolvidas em processos que McLuhan simplesmente descarta. Quer dizer, as tecnologias não podem estar apartadas das questões práticas; elas emergem do próprio agenciamento e também das intenções humanas. E tais

intenções surgem para atender desejos e interesses históricos e culturalmente específicos (WILLIAMS, 1975).

McLuhan (1970) defende que as novas tecnologias têm alterado radicalmente as funções físicas e mentais da humanidade de forma geral. Williams (1975) rebate apontando que o que as novas tecnologias arranjam são avanços e práticas já existentes e nos quais determinados grupos sociais enxergam como importantes ou necessárias. As ideias de McLuhan sobre a origem e o avanço das tecnologias são de natureza psicológica e biológica. Na visão de Williams, o progresso tecnológico é sociológico. Dessa forma, as tecnologias estariam emergindo a partir do desenvolvimento e da reconfiguração dos recursos tecnológicos já disponíveis em uma determinada cultura. Adiante no debate, Lister et al. (2009) indicam que, para Williams, é o poder que certos grupos sociais possuem que determina o ritmo do desenvolvimento tecnológico. A ênfase de Williams recai no exame das razões pelas quais as tecnologias são desenvolvidas, no complexo de fatores sociais, culturais e econômicos que as produzem. Aliás, as tecnologias por si não são capazes de gerar mudanças, enfatiza Williams. Seguindo novamente as análises propostas por Lister et al. (2009), Williams não se contenta em compreender as tecnologias apenas como artefatos, uma vez que na sua apreensão, os conhecimentos e as competências necessárias e adquiridas para utilizar uma ferramenta ou uma máquina são parte integrante de qualquer processo conceitual que pretenda definir o que é uma tecnologia. Outro conceito problemático nessa abordagem é o de “meio”. Enquanto McLuhan utiliza o termo “meio” como um tipo de tecnologia, Williams reafirma ser arriscado misturar os dois termos, meio e tecnologia. De fato, é verdade que está implícito no pensamento de Williams (1975) que um meio está atravessado, de alguma maneira, pela utilização específica de uma determinada tecnologia, quer dizer, o meio também se dá pelos usos, pelas intenções e pelos propósitos dessas mesmas tecnologias. No entanto, um meio é mais do que a sua tecnologia. Os meios dependem, também, das práticas.

O Digital como Imperativo: algumas considerações

De fato, chega-se a um período na história em que é difícil imaginar uma

sociedade desprovida de televisões, computadores ou redes de telefonia. Os avanços tecnológicos são contínuos como uma via de mão única, não havendo qualquer possibilidade de retrocesso.

As tecnologias digitais não se limitam aos meios de comunicação. Nos ambientes de trabalho estamos cercados e, de certa forma, sendo vigiados pelo digital. Computadores com acesso à internet se transformaram em ferramentas indispensáveis a inúmeras atividades do cotidiano – pagamento de contas, transferências bancárias, comunicações instantâneas, compras, entretenimento e lazer, informação, estudo. Nos supermercados, nos bancos, nos *shoppings*, nos elevadores, nos escritórios, nas escolas, nas universidades e, muitas vezes, nas ruas, somos monitorados digitalmente. Grande parte dos meios pelos quais os governos e outras instituições e organizações atuam, controlam, fiscalizam e punem contam e se apoiam também na tecnologia digital.

A invasão irremissível da tecnologia digital nas nossas vidas faz parte de um conjunto mais amplo de fenômenos. Os últimos 30 anos assistiram à conformação dos processos de globalização, a dominação do capitalismo de livre mercado e a crescente onipresença das tecnologias de informação e comunicação. A tecnologia digital é, sem dúvida, um dos elementos constitutivos desses acontecimentos, e, até certo ponto, determinante em algumas das suas formas. As transformações sob a égide da tecnologia digital também produziu uma espécie de efeito *express* em que tudo parece ter um lugar e um ritmo acelerado, alterando igualmente as percepções de espaço e tempo.

Pode-se afirmar que a presença da tecnologia digital é um dos componentes das transformações sociais e, em função da velocidade com que as informações circulam, em grande parte, fruto dos processos de globalização e da sofisticação tecnológica, temos sido tomados pelas mais diversas instâncias no sentido de produzir e reproduzir discursos sobre o que vestir, o que comer, o que ler, ouvir, assistir, falar ou aprender. E quando uma série de invenções permitiu a conexão entre milhões de pessoas às redes de informações, de fato, nossas práticas sociais passaram também a incorporar alguns hábitos gerados pelo uso amplo das tecnologias digitais.

Recorrer ao digital é evocar, metonimicamente, a todo um conjunto de

manifestações que incluem simulacros virtuais, comunicações instantâneas, conectividade. É aludir a uma vasta gama de formas midiáticas, possibilitadas pela tecnologia digital, abrangendo a realidade virtual, os efeitos especiais digitais, o cinema digital, a televisão digital, a música eletrônica, os jogos de computador, a internet, o *www*, a telefonia digital, e assim por diante. Também compreende o mundo dos negócios dominados por empresas de tecnologia como a Microsoft, a Apple ou a Sony e igualmente envolve as empresas digitais que, por um bom tempo, pareciam ser o modelo ideal de negócio para o século XXI.

Ao pensar no digital, reflete-se sobre uma forma de produção, ou seja, sobre os caminhos nos quais o digital tem sido filiado a determinados significados culturais. As novas tecnologias de comunicação e de informação, por exemplo, sinalizam um desses caminhos, já que tanto dizem respeito aos usos técnicos que se fazem delas quanto às circunstâncias e às relações sociais e econômicas em que se desenvolvem. Quer dizer, para que possamos refletir sobre o conjunto de práticas que envolvem os sujeitos e as tecnologias digitais, é preciso dar a elas significados. Muitos teóricos têm afirmado que todas as práticas sociais são práticas de significação e, por isso, seriam “fundamentalmente culturais” (DU GAY, 1997, p.2). Além disso, dentro dessa discussão, cabe recorrer à ideia central de Williams (1975) de que “a cultura é material”, ou seja, a cultura não é simplesmente a maneira como vivemos nossas vidas, senão a própria vida. Nesse sentido, as novas tecnologias de comunicação e informação não só incitam as formas pelas quais enxergamos e experimentamos o mundo, mas produzem e são os próprios produtos da sociedade em que vivemos.

Essas assertivas podem parecer exageradas, no entanto, chegamos a um ponto em que as tecnologias digitais já não podem ser analisadas apenas como ferramentas, mas como participantes ativas em nossa cultura, seja para melhor ou para pior. Essa necessidade de problematizar é mais urgente do que nunca, especialmente porque as próprias tecnologias digitais estão cada vez mais invisíveis e se tornando parte integrada do tecido social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DU GAY, Paul. **Doing cultural studies: the story of the Sony walkman.** (Praticando estudos culturais: a história do walkman da Sony). Trad. Leandro Guimarães, Marília Braun e Maria Isabel Bujes. London: Sage Publications/ The Open University, 1997.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1970.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

LISTER, Martin; DOVEY, Jon; GIDDINGS, Seth; GRANT, Iain; KELLY, Kieran. **New Media: a critical introduction.** 2. ed. New York: Routledge, 2009.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, T.T. da. **Nunca fomos humanos - nos rastros do sujeito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Technology and Cultural Form.** 1º ed. Londres: Shocker Books, 1975.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela PUCRS. Mestre em Educação pela ULBRA na linha de pesquisa Estudos Culturais e Educação. Doutorando em Educação pela UFRGS na mesma linha de pesquisa. Meus interesses de pesquisa abrangem novas tecnologias de informação e comunicação, geração digital, cultura digital, juventude, contemporaneidade e consumo. Atualmente trabalho como Consultor de Suporte e analista de negócio na empresa alemã SAP - focada no ramo de tecnologia da informação. Sou integrante do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.